

EFEITOS DAS IMPORTAÇÕES SUBSIDIADAS DE LEITE EM PÓ

Sebastião Teixeira Gomes¹

É comum, no mercado de leite, classificar os produtores em safristas e cotistas. Safristas são aqueles que produzem muito leite na época das águas (safra) e pouco no período seco do ano, possuem rebanho não especializado para a produção de leite e, por conseqüência, têm baixa produtividade. Cotista são aqueles com produção estável durante o ano, rebanho especializado para a produção de leite e alta produtividade.

É comum também afirmar que o safrista representa um obstáculo à modernização da pecuária leiteira nacional, porque ele contribui para a queda do preço do leite nas águas (elevação de oferta) e subida do preço na seca (retração de oferta), criando dificuldades para o produtor especializado, que tem custos estáveis durante o ano.

Entretanto, o que não é muito comum é o reconhecimento da racionalidade econômica do safrista. O mercado não o pune, ao contrário, o anima. Com a redução da diferença entre o preço do leite-cota e do leite-excesso torna-se um bom negócio ser safrista. Frequentemente algumas indústrias laticinistas anunciam, com grande alarde, o fim do pagamento do leite-excesso, como se isto representasse um grande bem para o produtor. Ao contrário, estão prestando um grande desserviço à pecuária leiteira do país.

O exame do mercado do leite do Brasil mostra que muitos industriais de laticínio que reclamam da baixa produtividade do rebanho e do alto custo de produção, estimulam o produtor safrista. O pior é que tal tendência aumentou após a saída do governo do tabelamento do preço do leite. Nos últimos três anos as principais indústrias reduziram a importância da cota de produção e valorizam apenas a diferença entre o preço do leite-consumo e do leite-indústria.

O procedimento adotado pela indústria laticinista é racional na presença de importações de leite em pó com enormes subsídios no país de origem. Ao dispor de leite

¹ Professor da UFV e Consultor da EMBRAPA. Escrito em 03-08-94.

importado barato, artificialmente, a indústria fica com argumentos para não prestigiar a cota de produção e para forçar grande variação no preço do leite.

Em realidade, existem indicações que o maior beneficiado da importação de leite em pó, no Brasil, não é o consumidor e sim a indústria importadora. Agora, com certeza, o grande perdedor é o produtor, especialmente, o autêntico produtor, com elevados índices de produtividade e com produção e custos estáveis.

Os argumentos desenvolvidos anteriormente indicam o caminho que o produtor deve seguir em suas reivindicações junto ao governo. Ao invés de ficar insistindo em instrumentos de política agrícola governamental válidas nos anos 70, quando o estado tinha dinheiro, deve, agora, concentrar sua munição na regulamentação do mercado internacional. Tarifas compensatórias, que neutralizem os pesados subsídios no país de origem, devem ser as principais reivindicações dos produtores.

A idéia não é ser, simplesmente, contra a importação de derivados lácteos, porque elas ainda são necessárias para completar o abastecimento do mercado doméstico e, sim, contra a importação de pesados subsídios que tanto mal fazem a pecuária nacional.